



***O SILÊNCIO COMO BASE: SEXUALIDADE E GÊNERO NO MATERIAL
DIDÁTICO MATO-GROSSENSE***

***EL SILENCIO COMO BASE: SEXUALIDAD Y GENERO EN EL
MATERIAL DIDÁCTICO DE MATO GROSSO***

***SILENCE AS A BASE: SEXUALITY AND GENDER IN MATO GROSSO'S
SCHOOL TEXTBOOKS.***

Revista
Diversidade
e Educação

Daniel Prim Janning¹
Fabiana Aparecida de Carvalho²
Mariana Brasil Ramos³

RESUMO

A força política conservadora em Mato Grosso faz da sua educação pública um laboratório para tomadas de decisão conservadoras e neoliberais. Seu maior exemplo está na decisão de sair parcialmente do PNLD em 2021. Este trabalho analisa os livros didáticos de Ciências do oitavo ano comprados pelo Estado para os anos letivos de 2022 e 2023, focando nos discursos relacionados a gênero e sexualidade. A análise mostra para o livro de 2022, um movimento de abertura ao debate e diálogo em questões de gênero, sexualidade e orientação sexual, vinculado à terceira versão da BNCC. Enquanto que no material de 2023 há um silenciamento destes temas, refletindo os vetos da versão final da BNCC. Fica possível vislumbrar a agenda conservadora propulsora destas mudanças no currículo, bem como dúvidas sobre o tratamento destas temáticas nos materiais fornecidos ao Estado e às escolas particulares que também são vinculadas à SOMOS Educação.

PALAVRAS-CHAVE: BNCC. Livro didático. Gênero. Sexualidade. Mato Grosso.

¹ Mestre em Educação Científica e Tecnológica. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

² Doutora em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática. Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil.

³ Doutora em Ensino e História de Ciências da Terra. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

RESUMEN

La fuerza política conservadora de Mato Grosso ha convertido su educación pública en un laboratorio para la toma de decisiones conservadoras y neoliberales. Su mayor ejemplo es la decisión de retirarse parcialmente del PNLD en 2021. Este trabajo analiza los libros de texto de ciencias de octavo grado adquiridos por el Estado para los años escolares 2022 y 2023, centrándose en los discursos relacionados con el género y la sexualidad. El análisis muestra que en el libro de texto de 2022 hay un movimiento hacia la apertura del debate y el diálogo sobre cuestiones de género, sexualidad y orientación sexual, vinculado a la tercera versión del BNCC. Mientras que el material de 2023 silencia estas cuestiones, reflejando los vetos de la versión final del BNCC. Es posible vislumbrar la agenda conservadora que impulsa estos cambios en el currículo, así como las dudas sobre el tratamiento de estos temas en los materiales proporcionados a las escuelas estatales y públicas que también están vinculadas a SOMOS Educação.

PALABRAS-CLAVE: BNCC. Libro de texto. Género. Sexualidad. Mato Grosso.

ABSTRACT

The conservative political force in Mato Grosso has turned its public education into a laboratory for conservative and neoliberal decision-making. Its greatest example is the decision to partially withdraw from the PNLD in 2021. This paper analyzes the eighth grade science textbooks purchased by the state for the 2022 and 2023 school years, focusing on discourses related to gender and sexuality. For the 2022 textbook, the analysis shows a movement towards opening up debate and dialog on issues of gender, sexuality and sexual orientation, linked to the third version of the BNCC. The 2023 material, on the other hand, silences these issues, reflecting the vetoes in the final version of the BNCC. It is possible to glimpse the conservative agenda driving these changes in the curriculum, as well as doubts about the treatment of these themes in the materials provided to the state and private schools that are also linked to SOMOS Educação.

KEYWORDS: BNCC. Textbook. Gender. Sexuality. Mato Grosso.

Introdução

A força política conservadora e a ausência de uma oposição eleitoralmente forte em Mato Grosso fazem da sua educação pública um laboratório para tomadas de decisão conservadoras extremistas e neoliberais. Nas câmaras municipais do Estado aparecem proposições de Projetos de Lei que versam sobre a “ideologia de gênero” nos moldes criados pelo movimento Escola Sem Partido (Marina Santos; Maria Miesse; Fabiana Carvalho, 2021; Mariana Santos *et al.*, 2021). Em 2022, o Tribunal de Justiça de Mato Grosso julgou como inconstitucional uma lei municipal de Sinop, a qual proibia a ideologia de gênero “em unidades escolares, locais públicos e privados de acesso público

da cidade”⁴. Por outro lado, em novembro de 2023, em Sorriso, foi publicada Lei que proíbe:

a distribuição, utilização, exposição, apresentação, recomendação, indicação e divulgação de livros, publicações, palestras, folders, cartazes, filmes, vídeos, faixas ou qualquer tipo de material, lúdico, didático ou paradidático, físico ou digital, contendo manifestação ou mensagem subliminar de ideologia de gênero, nos locais Públicos, Privados, de Acesso ao Público e Entidades de Ensino (...) O material a que se refere o caput deste artigo é todo aquele que inclui em seu conteúdo informações sobre a prática da orientação ou opção sexual, da ideologia de gênero, de direitos sexuais e reprodutivos, da sexualidade polimórfica, da desconstrução da família e do casamento tradicional, ou qualquer manifestação da ideologia de gênero (SORRISO (MT), 2023).

Na educação básica, a decisão de sair parcialmente do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 2021, exemplifica ações desse laboratório neoliberal conservador na educação. Com isso, professores deixaram de participar ativamente da escolha dos livros didáticos (LDs), que passaram a ser fornecidos através de um Compromisso de Impacto Social firmado entre a Fundação Getúlio Vargas (FGV)⁵ e o grupo Somos Educação⁶. O processo envolveu a compra de um “Sistema Estruturado de Ensino”⁷, que envolve LDs (no molde de apostilas que não são retornadas pelos estudantes no fim do ano letivo), plataforma digital, avaliações padronizadas e cursos de formação com a intenção de posicionar a educação mato-grossense entre as cinco melhores do Brasil.

Por meio do sistema estruturado, todas as escolas regulares passam a ter o mesmo LD/apostila e a seguirem o mesmo planejamento, regulado por provas padronizadas semestrais e incentivos financeiros aos professores com *bom desempenho* escolar. O LD, então, assume o papel de principal orientador curricular, determinando tempos, a ênfase ou o silenciamento em determinados conceitos/abordagens. Sob esse prisma, o poder do Estado em determinar o LD cristaliza outra camada de controle escolar, pois com a perda de autonomia e planejamento das escolhas didáticas, há também possibilidades maiores

⁴ Fonte: Tribunal julga inconstitucional lei que proíbe material didático com ideologia de gênero Disponível em: <https://www.tjmt.jus.br/noticias/71236> (Acesso em 10 jan. 2024)

⁵ Fonte: Empresas e Governo se unem para pôr Educação de MT no top 5. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/politica/empresas-e-governo-se-unem-para-por-educacao-de-mt-no-top-5/455573> (Acesso em 10 jan. 2024)

⁶ Para mais informações sobre o grupo, seus participantes e atividades: <https://somoseducacao.com.br> (Acesso em 10 jan. 2024)

⁷ Fonte: SEDUC. Disponível em: <https://www3.seduc.mt.gov.br/-/18865697-apostilas-do-sistema-estruturado-comecam-a-ser-entregues-a-partir-da-proxima-semana-para-as-escolas-estaduais> (Acesso em 10 jan. 2024)

de controle ideológico do currículo pela administração estadual e por grupos privados que interferem na educação.

Na escola, sexualidade e suas questões foram convencionadas como abordagens vinculadas ao ensino e ao professorado de Biologia: corpo, sexo, gênero e orientação sexual estão nas aulas de Ciências e Biologia endossados por discursos anatomo-fisiológicos. Mesmo outros discursos mobilizados para tratar desses temas, em diferentes componentes curriculares, acabam fazendo correspondência aos discursos biológicos, em parte porque a construção histórica dos discursos hegemônicos das categorias relacionadas à sexualidade foi orientada pela medicina, anatomia e pela própria Biologia (Fabiana Carvalho, 2009).

Análises recentes de livros didáticos do PNLD corroboram esse apontamento: quando o foco está em sexualidade, sexo e gênero, estudos demonstram a presença de preconceitos e estereótipos; ênfase em aspectos fisiológicos, médicos e biológicos; silenciamento de direitos reprodutivos; gênero e sexo como sinônimos; foco no papel reprodutivo (especialmente no corpo feminino); e reforço da heteronormatividade, mesmo que novas pautas sejam inseridas recentemente, especialmente sobre a representação das mulheres (Hellen Alve-Reis *et al.*, 2019; Ronaldo Garcia; Cristina Barros, 2023; André Mariano; Leandro Ferreira, 2023; Gimena Simon; Antonio Silva, 2023).

Considerando tais críticas e o controle dos conteúdos educacionais e materiais didáticos, o presente artigo indaga como estão posicionadas as questões de sexualidade, sexo e gênero em livros didáticos adotados pelo Estado de Mato Grosso para a educação básica? É possível apontar influências das agendas conservadoras nesses materiais?

Para responder a essas questões, primeiramente apresentamos algumas críticas à abordagem da sexualidade humana após a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2018 (Brasil, 2018); e, em seguida, valendo-nos de textos, imagens e conteúdos, analisamos e comparamos dois livros didáticos de Ciências utilizados nos anos letivos de 2022 e 2023 nas séries finais do Ensino Fundamental da rede estadual mato-grossense, tecendo considerações sobre os silenciamentos provocados por essas investidas nos materiais didáticos.

Pensamos a análise através de uma abordagem discursiva francobrasileira, centrada nos estudos de Eni Orlandi (2007; 2015). Mobilizaremos aqui, em especial, os conceitos de formação discursiva (FD) e dos silêncios. As FD são compostas pelas diferentes formas de enunciação situadas historicamente, em determinadas relações de força e de

sentido. Através delas, é possível estabelecer regularidades discursivas que determinam o que pode ser significado em um contexto determinado. Dessa forma, as FD jogam com o já-dito, mobilizando regiões da memória discursiva (interdiscurso).

Para Orlandi (2007), o silêncio é fundamental na produção do discurso e do funcionamento da linguagem, indo além do implícito e da elipse (figura de linguagem que omite um termo, mas subentende-se o significado). Entre as formas de silêncio estão as *políticas do silêncio* - também chamadas pela autora de silenciamento ou silêncio local - que se referem à censura; e o silêncio constitutivo, relacionado ao não-dizer - “uma palavra apaga necessariamente as ‘outras’ palavras” (*op. cit.*, p. 24). Nesta perspectiva, o silenciamento é uma ação política de regulação das possibilidades de dizer/enunciar e de significações possíveis, diferente de um simples movimento de retirada ou apagamento/omissão. Com essas contribuições, Orlandi coloca o silêncio como fundamental no efeito de sentidos discursivo, inclusive ambigualmente tanto na retórica da opressão e dominação, quanto na do oprimido e da resistência.

Nas seções que se seguem, importa-nos, com base no referencial teórico e de análise, evidenciar esses processos de silenciamento, justamente por compreendê-los como uma espécie de educação para as sexualidades e o gênero normativa e endereçada, quer seja, a abordagem fisiológica ou a permanência da cisheteronormatividade nas maneiras como a sociedade compreende tais questões, quer seja a tentativa de coibir o avanço das discussões na escola e a visibilidade de pessoas que não se encaixam nas mesmas normatividades.

A base do silêncio: a tentativa de censura das discussões de gênero e sexualidade

A educação sexual escolar foi introduzida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1996 como um tema transversal. A liberdade de atuação de docentes em temas que lidam com questões de gênero e sexualidade na educação básica, entretanto, é constantemente atacada por movimentos que gestam “pânicos morais” (Rogério Junqueira, 2018). O principal argumento desses movimentos, amparados pela falácia do apartidarismo e da extinção do pensamento crítico em escolas, é a ideia de que os estudos de gênero, proposições feministas e ativismos LGBTQIAPN+ seriam responsáveis pela destruição da família brasileira e pela doutrinação de crianças e jovens (Cássia Furlan; Fabiana Carvalho, 2020).

Esse avanço do campo conservador radical é manifesto na BNCC. Estudos que compararam as suas diferentes versões apontaram que, de uma abertura ao debate e à discussão de questões de gênero, sexualidade e violências associadas nas primeiras versões, caminhou-se para silenciamentos e silêncios; gênero e sexualidade foram reduzidos ao caráter biologizado e apagados das versões finais (Wellington Lima *et al.*, 2019; Santos; Miesse; Carvalho, 2021; Santos *et al.*, 2021; Luciana Vicente, 2024). Esse apagamento semântico não é impeditivo para se trabalhar tais temáticas nas escolas, porém funciona como uma espécie de censura e de delimitação, uma vez que determina, curricularmente, quais saberes, conhecimentos, corpos e sexualidades serão visibilizados e trabalhados nas escolas.

Um forte exemplo dessas mudanças está nas diferenças entre o objetivo de aprendizagem proposto na segunda versão (Brasil, 2016) e nas habilidades presentes na terceira versão (Brasil, 2017) quando comparados à versão final (Brasil, 2018) e aos direcionamentos para o 8º ano em Ciências da Natureza (Quadro 1):

QUADRO 1: Comparação das habilidades/objetivos presentes em três versões da BNCC

Versão	Habilidade/Objetivo de Aprendizagem
Segunda	EF08CI09 - Relacionar as dimensões orgânica, culturais, afetiva e éticas na reprodução humana , <u>que implicam cuidados, sensibilidade e responsabilidade no campo da sexualidade</u> , especialmente a partir da puberdade. (Brasil, 2016, p. 447, grifos meus)
Terceira	EF08CI11 - Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a <u>necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos baseados nas diferenças de sexo, de identidade de gênero e de orientação sexual</u> (Brasil, 2017, p. 301, grifos meus)
Final	EF08CI11 - Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética). (Brasil, 2018, p. 349)

Fonte: elaborado pelos autores com base em Brasil (2016; 2017; 2018).

Há uma mudança de aproximação ao tema: na segunda versão há um foco na reprodução, enquanto na terceira a sexualidade toma o centro (conforme destaque em negritos e sublinhados); as dimensões que eram da reprodução se deslocam para a sexualidade. De forma semelhante, a relação com a saúde, em um aspecto de higiene que complementa a reprodução (sublinhado acima), articula-se com questões de identidade e justiça, explicitando *gênero, identidade de gênero e orientação sexual*. Esses deslocamentos, de certa maneira, acompanhavam pesquisas científicas, ativismos sociais

e mudanças acadêmicas, que questionavam as limitações das Ciências Médicas e do enfoque biológico-reprodutivo em debater, de maneira plural, essas questões. Ao mesmo tempo, a presença e explicitação dos termos gênero, orientação sexual e sexualidade ocorria em diversos componentes curriculares, como também nos PCN. Em contraponto, a versão final da BNCC, seguindo a tendência de apagamento semântico também protagonizado pelo Plano Nacional de Educação aprovado em 2014 (Furlan; Carvalho, 2020), vetou não só parte da habilidade proposta, como suprimiu os termos gênero e sexualidade em trechos da base que defendem o respeito à diversidade, identidade de gênero e orientação sexual (Vicente, 2024).

Esse silenciamento, na contramão das críticas e pesquisas, deixou o componente curricular de Ciências da Natureza como o único local no qual a sexualidade não precisa, necessariamente, de permissão para ser enunciada, porque reitera a normatividade do discurso biológico e o esperado socialmente para as sexualidades e o gênero.

Dado o caráter prescritivo da BNCC, há a obrigação de se trabalhar, cumprir e apresentar as competências e habilidades no cotidiano escolar e nos materiais didáticos. Os silêncios e apagamentos deixados pelo caminho, entretanto, não garantem a possibilidade de um trabalho docente engajado à justiça social ou amparado pela administração escolar.

Os livros didáticos escolhidos por Mato Grosso: dinâmica neoliberal na regulação das discussões sobre gênero e sexualidade

Os livros didáticos utilizados em 2022 e 2023 são creditados ao Sistema de Ensino Maxi em suas fichas catalográficas. A título de informação, o Colégio Maxi é uma instituição particular de ensino cuiabana que oferece Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), Ensino Médio, pré-vestibular e *High School* (versão do secundário americano com aulas em inglês). Este sistema está vinculado à SOMOS Educação, junto a outros sistemas e editoras escolares mais conhecidas como Anglo, Mackenzie, Scipione e Ática. A SOMOS atualmente faz parte do mega-conglomerado Cogna Educação (antigo Kroton Educacional) pertencente ao empresário multibilionário Jorge Paulo Lemann.

O livro utilizado em 2022 (Maxi, 2019) foi publicado em 2019. Para a análise, foi utilizada a versão impressa do Caderno 4 (referente, então, ao quarto bimestre). Já o livro utilizado em 2023 (Maxi, 2023), que possui o mesmo ano para sua publicação, é analisado, aqui, na segunda impressão da versão completa digital do Manual do Professor.

Ambos possuem identificação da FGV e Seduc/MT na capa e são registrados para a SOMOS Sistemas de Ensino SA.

Livro do ano letivo de 2022

Os temas de Sexualidade e Puberdade são abordados na *Unidade 2 - Hormônios e puberdade* do Caderno 4. A unidade possui 17 páginas, sendo as últimas 3 de atividades e exercícios. Ela é iniciada com uma visão geral sobre o sistema endócrino e hormônios, com 10 páginas. Nelas são expostos conceitos de hormônios, glândulas exócrinas, endócrinas e mistas, e exemplos de glândulas e seus hormônios. As quatro páginas seguintes de conteúdo são divididas pelas seções *Puberdade* (subdividida em *Características sexuais secundárias femininas* e *Características sexuais secundárias masculinas*), seguida de *Sexualidade e construção da identidade*. Um mapa da Unidade 2 é apresentado no Quadro 2. Ela é precedida pela *Unidade 1 - Seres vivos e ambiente - reprodução* (trata de aspectos genéticos da reprodução, reprodução sexuada e assexuada), e sucedida pela *Unidade 3 - Reprodução humana* (compreendendo sistema genital, menstruação, gestação, parto e amamentação) e *Unidade 4 - Métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis (IST)*.

QUADRO 2: Mapa da Unidade 2 - Hormônios e Puberdade do livro didático utilizado em 2022.

Unidade	Seção	Páginas
Hormônios e Puberdade	Sistema endócrino e hormônios; - Glândulas; - Glândulas exócrinas; - Glândulas endócrinas; - Glândulas mistas.	3
	Principais glândulas e hormônios do sistema endócrino; - Hipófise - Hormônio do crescimento (GH); - Gonadotropinas; - Hipotálamo - Hormônio antidiurético (ADH); - Oxitocina; - Tireoide e paratireoides; - Tiroxina (T4) e tri-iodotironina (T3); - Suprarrenais; - Adrenalina e noradrenalina; - Cortisol; - Aldosterona;	7

	<ul style="list-style-type: none"> - Pâncreas; <ul style="list-style-type: none"> - Insulina; - Glucagon; - Gônadas. 	
	Puberdade <ul style="list-style-type: none"> - Características sexuais secundárias femininas; - Características sexuais secundárias masculinas; 	2
	Sexualidade e construção da identidade	2
	Atividade	1
	Maxi Desafio	1
	Você aprendeu	1

Fonte: elaboração própria a partir de Maxi, 2019

O planejamento do livro, colocado no Manual do Professor, propõe três exercícios e três aulas para tratar do tema, com discussões em sala de aula, trabalho em equipe e exposições. O planejamento pede cuidado para desencorajar piadas e discriminações com relação ao surgimento das características sexuais secundárias. É possível notar, ali, atividades voltadas ao debate e discussão, sem, entretanto, fixar atividades ou estratégias metodológicas. A preocupação com a construção de identidade e da percepção da diferença dão o tom das estratégias. Dentre as estratégias sugeridas para abordar a questão da sexualidade estão:

- Organizar grupos mistos de alunos para perceberem que discutir e analisar assuntos relacionados a questões sexuais pode ser algo comum, científico, e não um tabu.

(...)

- Promover um bate-papo com os alunos sobre a sexualidade;
- Ouvir o que eles dizem sobre os valores pregados pelas influências que recebem em casa e pela sociedade em que estão inseridos;
- Ajudar os alunos a discernir o que é o preconceito e desconstruí-lo, mostrando que uma pessoa não é pior ou melhor do que a outra por apresentar diferentes sentimentos ou atitudes, desde que estes não causem prejuízos a outrem;
- Levar os alunos a perceber que as pessoas devem agir conforme o que elas realmente são, mesmo que se oponham ao convencional. (p. 7-8)

Já no desenvolvimento do conteúdo, a diferença na extensão dos dois pontos centrais da unidade (Hormônios e Puberdade) é interessante quando comparada às habilidades prescritas pela BNCC. Hormônios e sistema endócrino não são colocados nas habilidades do oitavo ano do ensino fundamental, com exceção dos hormônios esteroides,

alocados como hormônios sexuais (EF08CI08⁸), mas concentram a maior parte da unidade.

Esta ênfase indica a importância histórica dada a certos conteúdos: listas de órgãos e substâncias químicas, fisiológicas, parte das ciências *duras*, *objetivas* e *neutras*, colocadas à frente, algo que sugere a ideia de prioridade, ou, então, de que para entender sexualidade e puberdade seja necessário saber de hipófise, suprarrenais, tireoide e secreção interna ou externa. Embora a compreensão fisiológica seja importante às questões orgânicas atinentes à sexualidade, o enfoque apresentado acorda com a percepção do foco higienista, fisiológico e reprodutivo do tema na história da disciplina de Ciências e nos seus materiais didáticos.

A capacidade/necessidade de reprodução é utilizada de maneira teleológica para fundamentar as mudanças corporais e comportamentais que ocorrem durante a puberdade:

O desenvolvimento do corpo das meninas, até se tornarem mulheres, e dos meninos, até se tornarem homens, acontece de maneira diferente. As diferenças físicas e comportamentais se tornam mais nítidas e têm uma finalidade: preparar o corpo para deixar descendentes, perpetuando a espécie (Maxi, 2019, p. 294).

Apesar dessa ênfase reprodutiva às mudanças corporais, a responsabilidade masculina na reprodução desaparece na sequência da unidade. Esta fica relegada às mulheres, ao descrever, por exemplo, características sexuais secundárias através do crescimento e desenvolvimento das mamas e da menarca:

O crescimento e desenvolvimento das glândulas mamárias, que são exócrinas, também acontecem, ocasionando seu aumento e sua capacidade de produzir leite quando a mulher se reproduzir. (op. cit., p. 295)

Por fim, ocorre a menarca, indicando que o corpo da mulher já está apto a receber um possível óvulo fertilizado e gerar um filho. Deve-se ter em mente, entretanto, que para se ter um filho é necessária também a maturidade dos pais, que está em construção nessa fase da vida. (idem)

O apagamento da reprodução tendo homens como partícipes e responsáveis, fica evidente na seção *Características sexuais secundárias masculinas*. Onde é tratada a ejaculação e a produção de espermatozoides, não há menção alguma sobre gravidez,

⁸ Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.

reprodução ou paternidade. A relação de gravidez e ejaculação não é notada de maneira textualmente simétrica à da menarca:

Outra importante característica secundária masculina é a capacidade de ejaculação. A ereção pode ser possível antes da puberdade, mas a ejaculação ocorre apenas após a secreção de testosterona, que estimula a produção de espermatozoides, presentes no sêmen, substância liberada pela ejaculação. (*op. cit.*, p. 296)

Vale destacar que, considerando a perspectiva da dissidência sexual, gravidez de pessoas trans masculinas ou não binárias sequer são abordadas como pontos de significação.

Questões de gênero aparecem com certo destaque na seção *Sexualidade e construção da identidade*. Há uma explicitação do termo, bem como uma exploração do aspecto cultural da sua relação com a sexualidade, como destacado nos trechos:

No aspecto sociocultural, a sexualidade envolve elementos oferecidos pela sociedade. Isso ocorre desde nosso nascimento, quando ações, valores, crenças e padrões de comportamento diferenciados para homens e mulheres determinam como devemos agir de acordo com o órgão sexual que temos. As diferentes responsabilidades e atitudes que cada sexo deve ter são, portanto ensinadas, e não **inatas** (*op. cit.*, p. 296, grifo original).

Assim, culturalmente as características que permeiam as mulheres são meiguice, delicadeza, simpatia, entre outros. Os homens, por sua vez, são ensinados a ser valentes, aventureiros, dominadores e fortes. Quem não age conforme o esperado é geralmente reprimido, sofrendo preconceito e discriminação (*idem*).

A pessoa deve ser capaz de construir sua identidade de gênero, o que corresponde à sua identificação a um gênero, sendo ele masculino ou feminino, e não simplesmente se enquadrar a padrões preestabelecidos como os quais pode não se identificar (p. 296-297, sublinhado nosso).

É importante, entretanto, ter em mente que identidade de **gênero** é diferente de orientação sexual (*op. cit.*, p. 297, grifo original conecta à caixa Conectando saberes, transcrita abaixo.)

Ao longo do século XX, diversas mudanças ocorreram em relação às questões de gênero na sociedade, aumentando, mesmo que de modo insuficiente, os direitos das mulheres. No Brasil, a igualdade entre homens e mulheres passou a ser considerada um direito fundamental somente após a Constituição Federal de 1988. Isso será aprendido em mais detalhes na disciplina de História (*idem*).

É possível notar que há uma separação entre *sexo* e *gênero*, não sendo tratados como sinônimos: enquanto *sexo* está direcionado aos aspectos anatômicos e

cromossômicos, *gênero* é tratado em aspectos de performance social e identidade, relacionados à características sociais e históricas. Também há uma preocupação em desassociar estes dois termos de *orientação sexual* e em pontuar gênero como identidade que é sócio historicamente construída. Ainda assim, gênero, aqui, está sendo usado para problematizar apenas a masculinidade e a feminilidade como papéis sociais desempenhados de forma binária e correlacionados à marcação da diferença sexual.

Os discursos sobre gênero e sexualidade são tratados em aspectos de igualdade, respeito e cultura, colocando ao lado, em espera, as ciências biomédicas mobilizadas para tratar da puberdade, mas são tratados como masculinos e femininos, deixando não-binários e pessoas a-gênero para trás. A transgeneridade também fica no meio do caminho: é colocada a possibilidade de um corpo masculino se identificar com o feminino, mas isto está mais direcionado às diferenças entre papéis sociais do que à corporeidade. Nesta perspectiva, há um apagamento de identidades não cisgêneras e de corpos intersexos e com genitálias ambíguas. Através de mobilizações de história, cultura e valores emerge um discurso “genérico” de gênero ancorado ao seu conceito mais inicial, histórico, do feminismo como alusão às diferenças e desigualdades que afetam as mulheres em relação ao binarismo homem/mulher do pensamento moderno (Adriana Piscitelli, 2009).

A heteronormatividade também é tratada com algum avanço em relação a outras análises de LDs (Alves Reis *et al.*, 2019; Garcia; Barros, 2023; Mariano; Ferreira, 2023; Simon; Silva, 2023). As formações discursivas mobilizadas possuem alguma polissemia quando comparadas a discursos conservadores ou higienistas, evocando liberdade, identidade, naturalidade e respeito quanto à sexualidade. Entretanto, os silêncios evidenciados anteriormente nas questões de gênero também aqui preenchem espaços discursivos, limitando o que essas sexualidades podem significar:

Com relação à afetividade, a sexualidade está relacionada à atração que um indivíduo sente por outro de forma natural, desvinculada da pressão social. Portanto, a orientação sexual é um sentimento espontâneo, sendo incorreto dizer que é uma *opção* sexual, pois não envolve escolhas. (Maxi, 2019, p. 297, itálico original)

A orientação sexual de qualquer um deve ser respeitada, e é importante ter em mente que as pessoas devem se relacionar seguindo seus desejos, e não se forçando a algo que não condiz com quem elas são e o que elas sentem. (idem)

Todos têm direito de viver sua sexualidade livre de preconceito, sendo esse aspecto da vida individual importante para o crescimento pessoal de cada um. (idem)

Uma relação afetiva se constrói no amor e no respeito entre seus pares, independentemente do sexo dos envolvidos." (idem)

Quando ocorre uma atração entre pessoas de sexos opostos, diz-se que a relação é heterossexual; se for entre pessoas do mesmo sexo, é homossexual. Quando alguém se sente atraído por pessoas de ambos os sexos, a relação é bissexual. (idem)

O direito à adoção e a identidade dos adotantes também aparece ao fim da página, no quadro *Verdade ou mito*:

Alguns casais, quando decidem ter filhos, optam pela adoção. No entanto, de acordo com a legislação brasileira, somente casais heterossexuais e com condições financeiras podem adotar. Verdade ou mito? (idem)

O uso de imagens, ainda que originadas em bancos *genéricos* da internet, também aponta para questões de liberdade sexual e igualdade, com mesmas FDs mobilizadas no texto escrito (Figura 1):

FIGURA 1 - Dois escaneamentos de diferentes imagens da página 297 (Maxi, 2019).



Na legenda, à esquerda: “Meninos e meninas são igualmente capazes de realizar as mesmas atividades”.

Na legenda, à direita: “Uma relação afetiva se constrói no amor e no respeito entre seus pares, independentemente do sexo dos envolvidos.”

Fonte: Maxi (2019, p. 297).

Com isso é possível perceber que há avanços com relação às críticas comuns aos materiais didáticos, mas muitos problemas se mantêm, como o longo espaço dedicado ao

sistema endócrino, a ênfase reprodutiva na mulher, silenciamento da transgeneridade, e questões de gênero e representação se limitando ao feminino. Os avanços, entretanto, possibilitam a enunciação destes temas em sala de aula com maior segurança devido ao papel de estabilização curricular do livro didático; como está no LD *estruturado*, pode e *deve* ser abordado em sala de aula. Os textos também são abertos o suficiente para ampliar as aulas e mobilizar questões de justiça e identidade que ficaram silenciadas.

Livro do ano letivo de 2023

No LD de 2023, há uma revisão completa na forma como Puberdade e Sexualidade são tratadas. Agora no Caderno 2, há uma unidade inteira dedicada à *Puberdade* (Unidade 3), totalizando 19 páginas. As listas de hormônios e glândulas foram retiradas e agora aparecem apenas os hormônios relacionados às gônadas. Apesar da aparente ênfase dada ao tema puberdade, a unidade compila as descrições dos órgãos genitais, ciclo menstrual, gravidez e métodos contraceptivos. Não há seções dedicadas às mudanças nos corpos das crianças e as imagens que acompanham o texto são em sua maioria representações anatômicas. Questões de sexualidade e gênero foram retiradas desta unidade.

A Unidade 4, denominada *Infecções Sexualmente Transmissíveis*, apesar de seu nome não transparecer, fala de sexualidade nas suas páginas finais, após sequências de infecções e seus agentes. Esse local escolhido é estranho; posicionado no final do caderno, em uma posição em que pode ser facilmente esquecida pela *falta de tempo para trabalhar toda a extensa apostila*. Sem referência no sumário ou no nome da seção, a Sexualidade fica escondida, quase como algo para constar. A colocação da sexualidade após ISTs também cria efeitos de sentidos negativos, algo que sucede doenças e perigos. Se antes era necessário saber de hormônios e glândulas para entender a puberdade e da puberdade para entender a sexualidade, agora é necessário saber listas de doenças, agentes causadores e modos de transmissão para chegar à sexualidade. Um mapa das Unidades 3 e 4 está a seguir:

QUADRO 3 - Mapa das unidades 3 e 4 do livro didático utilizado em 2023 (Maxi, 2023)

Unidade	Seção	Páginas
	Puberdade - O sistema genital masculino	2,5

Unidade 3 - Puberdade	- Hormônios e o sistema geintal masculino	
	Sistema genital feminino - Ciclo menstrual ou endometrial	2,5
	Gravidez - Parto - Lactação	2
	Filhos gêmeos	0,5
	Métodos contraceptivos - Métodos contraceptivos físicos ou de barreira - Preservativo masculino e feminino ou camisinha - Diafragma - Espermicida - Dispositivo intrauterino - Métodos contraceptivos comportamentais - Tabela - Método de Billings ou do muco cervical - Método contraceptivo hormonal - Métodos contraceptivos cirúrgicos - Vasectomia - Laqueadura tubária	4,5
	Atividades	6
	Você Aprendeu	1
Unidade 4 - Infecções Sexualmente Transmissíveis	Introdução	1
	Infecções sexualmente transmissíveis causadas por vírus - Papilomavírus humano (HPV) - Hepatite B - Hepatite C - Herpes genital - Síndrome da imunodeficiência adquirida (aids)	3,5
	Infecções sexualmente transmissíveis causadas por bactérias - Sífilis - Gonorreia - Clamídia	1,5
	Infecção sexualmente transmissível causada por protozoário - Tricomoníase	0,5
	Sexualidade - As dimensões da sexualidade	1,5
	Atividades	4
	Você Aprendeu	1

Fonte: elaborado pelos autores.

As estratégias e sugestões de planejamento dadas também sofreram mudanças. Agora são voltadas a um planejamento direto, com instruções de ações, associando a habilidade EF08CI11 à EF08CI10⁹:

⁹ Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção.

Professor, comece a aula corrigindo a tarefa. Em seguida, faça um breve comentário sobre os protozoários. Esclareça que (...) o que não acontece com o *Trichomonas* (...) sobrevive pouco tempo no meio externo.

Explique os sintomas da tricomoníase e as formas de transmissão, (...). Diferencie sexo de sexualidade. Leia com os estudantes a definição de sexualidade dada pela Organização Mundial de Saúde e dê uma explicação para esse conceito.

Elucide a sexualidade nas diferentes fases da vida, na infância, adolescência e idade adulta. Dê ênfase à sexualidade na adolescência, por ser essa a fase da vida dos alunos. Procure explicar sexualidade de uma forma bastante dialógica. Peça aos estudantes que resolvam as atividades 9 e 10 e marque como dever de casa as tarefas 9 e 10. (Maxi, 2023, p. 10)

Para a última aula da unidade, as instruções são bem sucintas:

Professor, comece a aula corrigindo a tarefa. Em seguida, explique a dimensão biológica da sexualidade, a dimensão afetiva, a dimensão sociocultural e a dimensão ética. Peça aos estudantes que resolvam as atividades 11 e 12 e marque como dever de casa as tarefas 11 e 12. (idem)

O enunciado une uma instrução que é uma junção do texto da habilidade EF08CI11 com uma ação de encaminhamento aos alunos (“explique x”); a textualidade da BNCC é convertida em uma proposta de ação unidirecional do trabalho docente, algo semelhante ocorrerá ao final da Unidade 4, na seção *As dimensões da sexualidade*. Chama a atenção que nas duas aulas não há a mesma preocupação técnica conceitual que ocorre com aspectos *biológicos* como lactação, menstruação ou órgãos, com vários parágrafos pontuando detalhes que não devem ser omitidos pelo professor.

A diferença entre a sugestão de planejamentos nas duas edições é grande. No livro anterior, o planejamento é sugerido por tópicos, em uma linguagem sugestiva, com foco na participação dos alunos e que abordam diretamente questões de identidade, sexualidade, bem como justiça social e busca por argumentos (conforme a habilidade EF08CI11 propõe.) O livro anterior também dedica uma quantidade de aulas maior (3 horas-aula contra 1,5 horas-aula).

No correr do texto das unidades 3 e 4, as mobilizações feitas no livro anterior vão sendo apagadas. As questões de gênero (e o termo) são silenciados; o texto apresenta dois conceitos: sexo (estritamente biológico, como binômio de órgãos) e sexualidade. Noções de performance, desigualdade de tratamentos, construção de masculinidade/feminilidade são reduzidas a termos genéricos, assépticos.

Como anteriormente colocado sobre o planejamento sugerido, o texto da seção *As dimensões da sexualidade* (transcrito completamente abaixo) parece apenas uma

instrumentação descompromissada da habilidade EF08CI11, com cada dimensão aberta em uma frase “explicativa”, um comunicado:

Há basicamente quatro dimensões da sexualidade: a biológica, a afetiva, a sociocultural e a ética. A dimensão biológica está relacionada ao sexo biológico, que engloba desde o aspecto genético, no qual os genes determinam as diferentes características e, de certa forma, moldam o nosso comportamento, como também a atuação hormonal e os órgãos genitais.

A dimensão afetiva refere-se à capacidade humana de um indivíduo se relacionar com outros, envolvendo uma gama de emoções e sentimentos. Nesses relacionamentos são expressos os sentimentos de amor, amizade, carinho, o que acontece não só entre amigos, mas também entre familiares.

A dimensão sociocultural varia nas diferentes culturas, estando relacionada à influência de padrões culturais e sociais impostos por cada sociedade.

Sabendo que essa dimensão é diferente em diferentes locais, concluiu-se, então, que a maior parte dos nossos comportamentos e atitudes sexuais é aprendida, e não inata. Em cada sociedade, as formas de expressar os desejos e prazeres são diferentes.

A dimensão ética é referente à maneira como nós nos tratamos e como tratamos o outro. A palavra-chave dessa dimensão é o respeito: isso implica o respeito a nós mesmos e aos outros e suas diferenças. (*op. cit.*, p. 63)

Aqui a diferenciação de papéis masculinos e femininos é apenas algo sociocultural, imposto (não construído) por cada sociedade. Não há referência à identidade, orientações sexuais, conquistas das mulheres, apenas afetividade e respeito. Esse cuidado em ser genérico pode ser visto também nas atividades:

11. Em alguns países, os direitos e deveres do homem são diferentes daqueles referentes à mulher. A qual dimensão da sexualidade essa frase se refere? Essa frase refere-se à dimensão sociocultural. (*op. cit.*, p. 67, sublinhado é a resposta esperada à questão)

12. No trabalho, um funcionário sofria bullying por não se enquadrar nos padrões sociais do restante do grupo. De acordo com a dimensão ética da sexualidade, faltou a esse grupo, em relação ao colega excluído, sobretudo: a) misericórdia b) respeito d) empatia e) caridade c) piedade [sic]" (idem)

A questão 11 aborda questões de gênero, mas há um silenciamento do termo ou de exemplos concretos. “Alguns países”, ou “direitos e deveres” diferentes; quais, onde e quando? Assim como na seção Sexualidade, não há menção às injustiças, poder ou papéis performados por indivíduos. Já na questão 12, chama a atenção o uso de termos religiosos *misericórdia*, *caridade* e *piedade* como alternativas da questão de múltipla escolha, mas o silenciamento ocorre ao tratar de “bullying por não se enquadrar nos padrões sociais do restante do grupo”. É uma enunciação estéril, em que as relações com

a realidade foram dissolvidas. Ao tratar da sexualidade, a questão poderia enunciar os crimes e violências de homofobia, transfobia ou misoginia, mas cuidadosamente se esquivava de qualquer profundidade.

Podemos concluir, então, que as *atualizações* foram na direção contrária aos avanços anteriores. O silêncio jogado sobre gênero, sexualidade, sexo e orientação sexual tem o efeito oposto à possibilidade enunciativa docente no LD anterior. Se antes este garantia a possibilidade de dizer, agora ele a reduz, deixando mais vulneráveis o professorado compromissado com agendas progressistas em ambientes de policiamento conservador.

O “som” do silêncio: o que se difunde é a norma

O que essas diferenças entre as duas edições demonstram? É possível indicar uma ação direta de veto ou censura ao material didático pela administração da rede estadual mato-grossense? A resposta pode ser negativa, todavia, a análise construída neste artigo demonstra os silenciamentos ou restrições das discussões à linguagem normativa, biologizada e excludente seguem os princípios de formações discursivas ultraconservadoras. As mudanças discursivas e estruturais ocorridas entre os dois LDs são dificilmente explicáveis de outra forma: são a materialização de discursos conservadores e da ação de grupos que silenciaram gênero e orientação sexual da versão final da BNCC.

O Livro de 2022 possui registro catalográfico de 2019 e suas referências bibliográficas possuem registro de acesso em meados de 2018. É provável que os textos do material tenham sido escritos entre a publicação da 3ª versão e a final. Os avanços presentes nesse material se referem ao complemento vetado da habilidade EF08CI11, que enfatizava identidade, diversidade, gênero e orientação sexual como algo a ser valorizado, argumentado, respeitado e acolhido. No material seguinte, a BNCC já estava sedimentada. Os livros precisavam de adequações ao contexto mato-grossense como a estrutura de componentes curriculares e carga horária. Esta última pode justificar a retirada da lista de órgãos e hormônios presentes no LD 2022, mas não a supressão da habilidade EF08CI11 ao seu mínimo possível.

Fica evidente que a “porteira” aberta pelo silêncio/apagamento semântico na BNCC é caminho amplo para as agendas que favorecem a continuidade de intolerância, violências e preconceitos e o silenciamento de identidades de gênero através da

justificativa de enxugar objetos do conhecimento e evitar controvérsias. Somadas à estratégia de unificação e controle do material didático pela rede escolar, e à consequente pequena autonomia deixada aos professores e professoras em escolher materiais didáticos e sequência de trabalho, os silêncios adquirem aspectos de regra e de padronização das discussões nos currículos de Ciências das escolas do Mato Grosso. As possibilidades de dizer que residem nos silenciamentos da habilidade EF08CI11 são apagadas pela estrutura curricular imposta.

Para poder analisar com mais profundidade esses movimentos políticos e discursivos no material didático mato-grossense seria necessário ampliar a análise para outros materiais vinculados à SOMOS Educação dos mesmos períodos de elaboração. Os colégios particulares utilizaram estes mesmos materiais didáticos em 2022 e 2023? O silenciamento imposto na rede estadual também atingiu os alunos privilegiados destas escolas de elite? Ou seria essa outra das divisões e desigualdades entre as escolas públicas e particulares impostas pela BNCC?

Provavelmente, um dos efeitos dos silenciamentos ou da ênfase biológico-higienista é contribuir para que o aprendizado de estudantes também se torne reducionista, justamente porque desconsidera aspectos atinentes a gênero e sexualidade centrais à vida dos mesmos. O apagamento, por exemplo, dos modos diferenciados de construção de feminilidade, masculinidade e dissidências das normas de sexo e gênero implica em percepções conflitantes do cuidado de si e do outro, em posturas autoritárias para reconhecer a diversidade e a diferença, em preconceitos com as pessoas que se relacionam com outras do mesmo gênero, na estigmatização dos modos diferentes de gestar e cuidar, na perpetuação das violências de gênero e dos sexismo na sociedade, entre outras questões, que afetam a construção da autonomia dos corpos, sexualidade e gênero.

Em tempo, as análises de materiais didáticos, seja de maneira descritiva ou pela analítica das FDs ou silêncios, contribuem para as denúncias e as compreensões de quem disputa o currículo, quais são as ideologias nas entrelinhas de cada material produzido, a que finalidades se endereçam e quem está sendo agente das enunciações apresentadas.

Referências

ALVES REIS, H. J. D., Silva DUARTE, M. F., & SÁ-SILVA, J. R. Os temas ‘corpo humano’, ‘gênero’ e ‘sexualidade’ em livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental. *Investigações em Ensino de Ciências*, 24(1), 223–238, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*, 2ª versão revista. Brasília, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/bncc-2versao.revista.pdf>. (Acesso em 10 jan. 2024)

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/04/BNCC-Docemento-Final.pdf>. (Acesso em 10 jan. 2024)

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. (Acesso em 10 jan. 2024)

CARVALHO, Fabiana Aparecida. Que saberes sobre sexualidade são esses que (não) dizemos dentro da escola? In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação sexual: em busca de mudanças*. Londrina: UEL, 2009.

FURLAN, Cássia Cristina Furlan; CARVALHO, Fabiana Aparecida de. Comunismo e gênero no Escola Sem Partido: Notas para não sucumbir a uma pedagogia fascista. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v. 29, n. 58, pp. 168-186, abr./jun. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Rev. Psicol. Polít.* [online], v. 18, n. 43, p.449-502, 2018.

GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes; BARROS, Cristina Terezinha Borges de. Relações de Gênero e Sexualidade: uma Análise do Discurso dos Livros Didáticos. *Revista Contexto & Educação*, 38(120), e9149, 2023.

LIMA, Wellington Soares de; OLIVEIRA, Luciani de; JUSTINA, Lourdes Aparecida Della. A formação de professores e a sexualidade na BNCC. *Anais do XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - XII Enpec*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

MARIANO, André. Sena.; FERREIRA, Leandro Borges. Relações de gênero e sexualidade em livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental: um estudo de caso em uma escola de Ilícinea-MG. *Olhar de Professor*, [S. l.], v. 26, pp. 1–21, 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. 12ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloíse Buarque de; SZWAKO, José. (org.), *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berleandis Editores, 2009.

SANTOS, Marina Silveira Bonacazata; MIESSE, Maria Carolina; CARVALHO, Fabiana Aparecida de. As questões de gênero e sexualidade e o Movimento Escola sem Partido: Qual o impacto para a Base Nacional Comum Curricular? *Revista Diversidade e Educação*, v. 9, n. especial, pp. 509-531, 2021.

SANTOS, Marina Silveira Bonacazata; MIESSE, Maria Carolina; CARVALHO, Fabiana Aparecida de; QUEIROZ, Leonardo Cordeiro de; SOUZA, Vânia de Fátima Matias de. Escola sem Partido e as discussões de gênero e sexualidade: impactos curriculares. *Linhas Críticas*, Universidade de Brasília, v. 27, pp. 1-22, 2021.

SIMON, Gimena Andressa Venturini; SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. Educação sexual no ensino de biologia: uma análise do livro didático. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 30, e13898, 2023.

SORRISO. *Lei no 3.471, de 29 de novembro de 2023*. Proíbe a distribuição, exposição e divulgação de material didático contendo manifestação da IDEOLOGIA DE GÊNERO, nos locais Públicos, Privados, de acesso ao público e de Entidades de Ensino, no município de Sorriso - MT e dá outras providências. Sorriso, MT: Câmara Municipal de Sorriso, 2023.

VICENTE, Luciana da Silva. A Educação Sexual nas diferentes versões da Base Nacional Comum Curricular: Da abertura ao silenciamento em torno da temática. *Educação em Revista*, v. 40, e45439, p. 1-23, 2024.

Revista
Diver  **idade**
e Educação

Recebido em setembro de 2024.

Aprovado em dezembro de 2024.